



**Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Centro de Letras e Artes (CLA)  
Faculdade de Letras: Português-Literaturas**

**Lindiamara Oliveira Gama**

**Ana Paula Maia em três tempos: paisagens abjetas**

**Rio de Janeiro - RJ  
Abril / 2023**

**Faculdade de Letras**

**Lindiamara Oliveira Gama**

**Ana Paula Maia em três tempos: paisagens abjetas**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciando na habilitação em Letras: Português – Literaturas.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Martha Alkimin de Araújo Vieira

**Rio de Janeiro - RJ  
2023**

## CIP - Catalogação na Publicação

0184a OLIVEIRA GAMA, LINDIAMARA  
Ana Paula Maia em três tempos: paisagens abjetas  
/ LINDIAMARA OLIVEIRA GAMA. -- Rio de Janeiro, 2023.  
26 f.

Orientador: Martha Alkimin de Araújo Vieira.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Literaturas, 2023.

1. Ana Paula Maia. 2. Paisagens abjetas. 3.  
Corpos abjetos. 4. Vidas indignas. 5. Paisagem não  
oficial. I. Alkimin de Araújo Vieira, Martha,  
orient. II. Título.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a todos aqueles que são considerados corpos abjetos, os invisíveis, os sem voz, os sem valor.

## **Agradecimentos**

Os agradecimentos vão para as mulheres da minha vida.

À minha avó Jacira da Silva (*in memoriam*), pois minha paixão pela leitura começou quando eu era escolhida para ler trechos da Bíblia para sua reflexão.

À minha mãe Lindiomar Gama, que mesmo não tendo o ensino fundamental completo, sempre me incentivou a estudar.

À minha irmã e cúmplice Denise Gama, por sempre me apoiar e acreditar em mim.

À minha sobrinha Marina Gama, porque essa pessoinha trouxe leveza e alegria em minha vida e em minha jornada acadêmica, os sorrisos aqueceram (e aquecem) meu coração.

À minha irmã do coração Fernanda Maia, que mesmo não falando muito, estava presente me encorajando.

À minha professora e amiga Martha Alkimin, por ser uma fonte de inspiração e não ter desistido de mim apesar da saga em concluir o curso.

Obrigada por me fazerem ser a pessoa que sou hoje.

*“A paisagem tem ideias e faz pensar”.*

*(Balzac)*

*“É apenas um animal...somente um animal”.*

*(Theodor Adorno)*

*“Longe de ficar estática como uma imagem, a paisagem é um espaço a percorrer, a pé,  
num veículo ou em sonho, porque sonhar é vagabundear”.*

*(Michel Collot)*

## Resumo

A partir de três romances de Ana Paula Maia – *“Enterre seus mortos”* (2018), *“Assim na terra como embaixo da terra”* (2017) e *“De gados e de homens”* (2013) –, o objetivo desta monografia é investigar a construção de paisagens (uma paisagem histórica do Brasil não oficial que chamamos nesta monografia de “paisagens abjetas”) e na experiência contemporânea. Neste trabalho, optamos pelo recorte de algumas cenas de cada romance, de forma a estudar os procedimentos imagéticos da autora, tendo em vista, entre outros aspectos, os cenários radicalmente políticos de sua escrita. Para tanto, o conceito de paisagem será estudado, considerando as reflexões de Michel Collot, em seu *“Poética e Filosofia da Paisagem”* (2013), onde se lê que a paisagem se torna a própria imagem de um mundo vivido. É este “mundo vivido” pelos personagens dos romances de Ana Paula Maia que pretendemos apresentar e analisar. Trata-se, portanto, de um estudo que procura ler a literatura de Ana Paula Maia, adotando como processo de trabalho o levantamento e a análise de uma escrita cujas paisagens mostram comprometidas com a política e com o questionamento das estruturas sociais e culturais da realidade brasileira.

**Palavras-chave:** Ana Paula Maia, paisagens abjetas, corpos abjetos

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>09</b>
<b>Paisagem 1: “Enterre seus mortos” (2018) .....</b>	<b>12</b>
<b>Paisagem 2: “Assim na terra como debaixo da terra” (2017) .....</b>	<b>14</b>
<b>Paisagem 3: “De gados e homens” (2013) .....</b>	<b>16</b>
<b>Abjeto .....</b>	<b>18</b>
<b>Paisagem não oficial .....</b>	<b>22</b>
<b>Conclusão .....</b>	<b>25</b>
<b>Referências .....</b>	<b>26</b>



## Ana Paula Maia em 3 tempos: paisagens abjetas

### Introdução

Toda paisagem é uma construção do olho de quem vê. E por isso, talvez se possa afirmar, que deixamos o registro através da escrita de tudo o que vemos, ou seja, registramos uma percepção que reconta e interpreta o que vemos. Assim inicio a minha pesquisa, pois fui afetada por “ideias” que dão existência ao objeto, quer seja nas mais variadas construções sociais, quer seja nas expressões culturais.

Os três romances – *Enterre seus mortos*” (2018), *“Assim na terra como embaixo da terra”* (2017) e *“De gados e homens”* (2013), de Ana Paula Maia, são um entrelaçado de questões que nos tocam e que nos perpassam: as pessoas, os lugares, os caminhos, as relações, os sem voz, a violência, a paisagem e tudo que há nela de visível e invisível.

Se a paisagem é uma construção, portanto, há um sujeito que mobiliza diversas dimensões para que ela se construa, ou seja, a nossa experiência do mundo, pois como nos diz Collot (2013, p. 52): “Longe de ficar estática como uma imagem, a paisagem é um espaço a percorrer, a pé, num veículo ou em sonho, porque sonhar é vagabundear”. A paisagem é um encontro de percepção e de concepção; é um jogo de dentro e fora. Didi-Huberman, nos fala sobre o complexo jogo de inter-relações objeto/sujeito, ou se quisermos entre aquele que vê e a paisagem. Para o pensador francês:

(...) o sujeito olha e é olhado, expõe-se e é exposto. O objeto não se apresenta como uma peça (...), mas sim como uma entidade fracturável (e fracturante) na qual se rasgam aberturas improváveis por onde se precipita o olhar em desassossego” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 58).

A paisagem não perdeu o seu lugar na cena estética, muito pelo contrário, ela continua a inspirar muitos artistas e escritores. Mesmo causando desconfiança, a ideia de paisagem se abre a inúmeras indagações, tais como conceitos de sensação e de percepção. Dessa forma, esta pesquisa, também se baseia na experiência de fruição, entendida como um lugar de reativação das sensações e dos afetos. Nas palavras do poeta Francis Ponge: “tudo começa por uma sensação, por uma emoção”, creio ser

assim não somente para o poeta ou para o artista, mas para todos aqueles de almas sensíveis. Na visão de Collot, há uma “manifestação da paisagem que surge dos fenômenos humanos e sociais, da interação da natureza e da cultura, do econômico e do simbólico, do indivíduo e da sociedade”. Nesse sentido, ele afirma:

Ora, neste debate contemporâneo sobre a paisagem, a literatura tem sua palavra a dizer, pois nos fornece, frequentemente, a mais forte expressão deste “espaço vivido” pelo qual se interessam cada vez mais as ciências humanas e nossas sociedades, preocupadas em construir um meio mais durável e habitável, rico em sentidos para seus membros (...) a paisagem não é apenas um procedimento social, econômico e político, mas que nela podem ser investidos significações e valores tanto coletivo como individual, todo um imaginário ao qual a ficção e a poesia podem dar sua plena expressão. (COLLOT, 2013, p. 15).

São essas questões que aparecem ao longo dos três romances, todos atravessados pela morte, pela invisibilidade social dos sujeitos, pela agressividade, pela violência. As cenas desses livros transmitem a mesma coisa: paisagens violentas e abjetas onde se constata uma crise profunda que vivemos com a paisagem. Sim, porque a crise está em nós e não na paisagem – pois há outra sensibilidade, ou melhor, outra subjetividade; porque entendemos que o nosso estado de alma está ligado em alguma coisa da natureza e/ou paisagem, já que reinstalamos uma outra relação com a natureza. Podemos dizer que é a percepção interiorizada (para dentro), verticalizada; a paisagem é mais do que cenário, é mais do que representação. E mais, a “paisagem possui ideias e provoca o pensamento, traduzindo construções sociais e expressões culturais”, pensemos sobre a colocação de Collot a respeito da experiência do sujeito como observador da paisagem entendemos que quando observamos uma paisagem, nós a interpretamos, ou seja, metáforas, atmosferas, experiências, associações de ideia, tudo se mistura ao que nós vemos.

O que queremos dizer é que fundamentalmente humana, a paisagem é sempre composta de elementos culturais. Nesse sentido, Descola afirma:

(...) entre os humanos e os não humanos existe uma diferença importante: os humanos são sujeitos que possuem direitos por conta de sua condição de homens, ao passo que os não humanos são objetos naturais ou artificiais que não têm direitos por si mesmos. Essa forma de pensar, que nos ensinam na escola e que parece ter a evidência do bom senso, talvez seja, afinal de contas, o modo mais comum de se fazer a distinção entre natureza e cultura. (DESCOLA, 2016, p.9)

Não podemos deixar de perceber que a escritora Ana Paula Maia mostra em sua prosa uma estética do “estranho”, por exemplo, as profissões pouco conhecidas, faladas, invisíveis, tais como: removedor de animais mortos nas estradas ou atordoador, e as mais variadas matérias: humanas e não-humanas, visíveis e invisíveis. A paisagem não pode ser reduzida a um puro espetáculo, ela nos oferece além da visão outros sentidos que têm relação com o sujeito inteiro, seu corpo e sua alma. Essa paisagem “não apenas dá a ver, mas também a sentir e ressentir”, nos diz Collot.

## Paisagem 1 - “Enterre seus mortos” (2018)

Em “Enterre seus mortos”, lemos os seguintes trechos:

Tudo parece morto ou quase morto debaixo do sol. Edgar Wilson apanha no meio da estrada um gambá que morreu de olhos arregalados.

No início tentava não encarar os animais mortos, apenas os removia. Aos poucos, percebia suas expressões faciais, por vezes fechava os olhos dos bichos imaginando que isso lhe proporcionaria algum descanso. Observava diariamente a vida evoluir para a morte. Para ele, estar na presença de um cadáver o deixava um passo atrás da morte, como se ele não pudesse alcançá-lo, pois assim como o fluxo da vida segue sempre em frente, também o da morte avança.

(...)

Só ele está ali, um passo atrás da morte. Caminha com cuidado, desviando-se das raízes salientes, e olha mais uma vez para a frente quando um risco de luz ilumina o rosto da mulher enforcada que balança suavemente pendurada numa árvore.

Um abutre (...) pouso sobre a cabeça da mulher em riste e equilibra-se, recolhendo novamente as asas para junto do corpo. Olha para Edgar Wilson antes de inclinar a cabeça e bicar o olho direito da mulher. (...) bica outra vez o olho da mulher até arrancá-lo, mantendo-o preso no bico. Edgar Wilson suspende a espingarda de pressão, aponta e com um tiro acerta a ave em cheio; morta, cai próximo a seus pés. Edgar se abaixa para apanhá-lo pelas patas, suspende-o e volta pelo caminho até chegar à caminhonete. Joga o abutre na caçamba, tira um cigarro do bolso do macacão e o acende.

(...)

Depois de caminhar por alguns metros, Edgar Wilson percebe ao longe a carcaça de um animal. Segue pela estrada de terra batida, que fica deserta a maior parte do tempo e é usada como atalho pelos motoristas que conhecem bem as imediações. Edgar fora atraído para esse trecho por causa de uma revoada de abutres. Assim como a podridão os atrai, os que se alimentam dela atraem Edgar. Tanto as aves carniceiras quanto ele se valem dos próprios sentidos, para encontrar os mortos, e ambas as espécies sobrevivem desses restos não reclamados.

Todo nascimento é também um pouco de morte. Edgar já viu algumas criaturas nascerem mortas, outras, morrerem horas depois. Sua consciência sobre o fim de todas as coisas tornou-se aguçada desde que abatia o gado e principalmente agora, ao recolher todas as espécies em qualquer parte. Assim como não teme o pôr do sol, Edgar Wilson entende que não deve temer a morte. Ambos ocorrem involuntariamente num fluxo contínuo. De certa forma, o inevitável lhe agrada. Sentir-se passível de morrer fortalece suas decisões. Não importa o que faça, seja o bem, seja o mal, ele deixará de existir. (MAIA, 2018, pp. 13, 39-40, 71-72)

“Enterre seus mortos” é um romance policial árido, com certas pitadas filosóficas. A narrativa além de seca, é direta e crua. A história narra o cotidiano de Edgar Wilson, um homem lacônico, mas de muitas ações e responsável pelo seu dever, apesar de realizar uma atividade penosa desagradável, tanto para o corpo quanto para a alma. Ele e Tomás, um ex-padre excomungado, são os responsáveis por remover das estradas os cadáveres de animais mortos que são deixados na via. A rotina de Edgar é interrompida quando ele encontra o corpo de uma mulher, pendurado em uma árvore. Sem policiais e viaturas disponíveis, com o rabeção da cidade quebrado, e com o IML local sem espaço para mais corpos, ninguém reclama ou se responsabiliza pela tutela do corpo. Diante disso Edgar se sente no dever moral, até mesmo obsessivo em determinado momento, para providenciar o enterro dessa desconhecida, já que até os animais têm garantias de um destino melhor após a morte.

## Paisagem 2 – “Assim na terra como debaixo da terra” (2017)

No segundo romance selecionado para esta monografia, lemos:

Valdênio é velho para um lugar como este. Tem sessenta e cinco anos. Passou a metade da vida encarcerado, atrás de grades de ferro ou em colônias penais como esta (...). Já deveria estar solto, mas a Justiça o mantém neste lugar. Agora, espera nunca encontrar a liberdade em vida. O mundo mudou, e ele também, mas não na mesma sintonia. Seus primeiros anos de detento foram difíceis; aos poucos entendeu como o sistema funciona. Apanhou dezenas de vezes, teve o crânio esmagado, o maxilar deslocado, braços e pernas quebrados; por fim um dia ficou lesionado da perna quando foi jogado da laje de um pavilhão. Seu corpo, moído no inferno, aguarda o fim dos seus dias. Já não questiona mais. Obedece. Cumpre as ordens. Baixa a cabeça e se retira. Apanha, às vezes com motivo, às vezes sem. Por onde passou, derramaram seu sangue.

(...)

Certa vez, Bronco preparava o solo para plantação. (...). Numa cova rasa, depois de poucas investidas com a enxada, encontrou um crânio humano. Cuidadosamente, com a ponta da enxada, foi abrindo a cova e todo o esqueleto se revelou a ele, amarrado pelos pulsos e tornozelos. E, assim, vira e mexe era possível encontrar partes de esqueletos humanos em diversos pontos do terreno. Foram esses escravos que viveram aqui e aqui também morreram.

As especulações em torno da colônia são muitas. Tudo o que se sabe é que o lugar sempre esteve envolto em mistério de desaparecimento em massa e assassinatos. Há mais de cem anos, quando os escravos que aqui viviam eram, em sua maioria, torturados e mortos, era conhecido como o Calvário Negro. Décadas depois da libertação dos escravos, um silêncio retumbante tomou conta da fazenda.

(...)

O confinamento de homens assemelha-se a um curral de animais. O gado é abatido para se transformar em alimento; os homens por sua vez, são abatidos para deixarem de existir. Não é um lugar de recuperação ou coisa que o valha, é um curral para se amontoarem os indesejados, muito semelhante aos espaços destinados às montanhas de lixo, que ninguém quer lembrar que existem, ver ou sentir seus odores. (MAIA, 2017, pp. 15-16, 67-69, 97)

Localizada num local isolado e remoto, uma penitenciária é o cenário do romance. Conhecida como Colônia, a prisão recebe e abriga detentos que são retirados da sociedade definitivamente. A história começa a se desenvolver a partir do momento em que a prisão é notificada de que será desativada, e um oficial de justiça visitará o lugar isolado a fim de transferir os presos para outras unidades.

Em condições subumanas, quatro prisioneiros, “vivem” na Colônia, juntos ao carcereiro e o responsável pelo local, Melquíades. Cada criminoso desempenha uma função lá dentro, designado pelo gosto sádico de Melquíades, que inclusive adora caça e possui um arsenal de armas em seu escritório.

A Colônia está construída num terreno que é conhecido por ter sido uma fazenda com muitos escravos e que foram assassinados. Muitos pensavam que por causa disso o lugar era uma terra amaldiçoada. O isolamento somado a este fato trouxe à tona sentimentos psicopáticos, insanos e selvagens, principalmente a Melquíades, que fez da angústia dos presidiários por uma chance de liberdade, um *hobbie*: caça humana!

Há uma indagação feita pela Márcia Tiburi na orelha do livro: “A abjeta vida concreta submetida às instituições, nos tempos do encarceramento em massa, do cancelamento do valor da dignidade humana, não seria de algum modo nosso espelho?”

### Paisagem 3 – “De gados e homens” (2013)

O romance “*De gados e homens*” narra o dia a dia de um abatedouro, dos animais e dos homens que lá trabalham, entre eles Edgar Wilson, o protagonista, que exerce a atividade de atordoador. O papel dele nesta profissão se resume a dar uma marretada na cabeça do animal para que ele prossiga para a degola. Gados, carneiros, porcos tudo se mata desde que gere lucro. Desde o início fica claro que animais e homens são a mesma coisa. Estão na mesma condição. Para existir uma vida, ela tem que se valer de outras vidas para não morrer. A vida se alimenta da morte.

Edgar Wilson entra no banheiro do alojamento. Espera que reste apenas o Zeca no banho. Com a marreta, sua ferramenta de trabalho, acerta precisamente a fronte do rapaz, que cai no chão em espasmos violentos e geme baixinho. Edgar Wilson faz o sinal da cruz antes de suspender o corpo morto de Zeca e o enrolar num cobertor. Nenhuma gota de sangue foi derramada. Seu trabalho é limpo. No fundo do rio, com restos de sangue e vísceras de gado, é onde deixa o corpo de Zeca, que, com o fluxo das águas, assim como o rio, também seguirá para o mar.

Cumprido o seu dever, ele vai para a cozinha do alojamento e frita os hambúrgueres. Com os colegas comem toda a caixa, admirados. Assim, redondo e temperado, nem parece ter sido um boi. Não se pode vislumbrar o horror desmedido que há por trás de algo tão saboroso e delicado.

(...)

- Eu mesmo botei ele lá. Abati e depois joguei ele no rio.

- Por que você fez isso, Edgar?

- Ele maltratava o gado. Não prestava de jeito nenhum.

- Isso é crime, Edgar. Você matou um homem.

- Não, Seu Milo. Já matei mais de um. Só quem não prestava.

Seu Milo decide se calar. Conhece a lealdade de Edgar Wilson, conhece seus métodos e sabe que Zeca não prestava nem um pouco. Ninguém deu queixa de seu sumiço, e se alguém viesse procurar pelo rapaz diria simplesmente que nunca mais apareceu no trabalho. Que não sabe por onde anda. Assim como ninguém questiona a morte dentro do matadouro, certamente Zeca, cuja racionalidade estava equiparada à dos ruminantes, teria sua morte ignorada. Seu Milo conhece os homens de gado, pois ele também faz parte do bando. Ninguém está impune. Todos são homens de gado e sangue.

O brilho do sol ofusca vez ou outra a visão do motorista, que mantém os olhos espremidos. Um dia quente, terrivelmente quente. Quando a noite chegar, Edgar Wilson já estará em seu novo emprego, conhecendo os porcos e ouvindo seus grunhidos. Sabe que seus dias de predador continuarão, e que derramar sangue ainda será seu meio



de sobrevivência. É o que sabe fazer. Talvez um dia encontre outro trabalho, um que seja limpo. Por enquanto, seguirá abatendo porcos; impuro e moralmente aceitável, é assim que ele se sente. Não há ninguém que o impeça, pois homens como ele são poucos, que são homens para matar. Os que comem são muitos e comem de modo que nunca se fartam. São todos homens de sangue, os que matam e os que comem. Ninguém está impune. (MAIA, 2013, pp. 21, 38, 125-126)

Nesse lugar, podemos perceber que sangue e solo de fundem, o sangue se mistura ao solo, onde a simetria entre o homem e os animais se embaralham a ponto de nos fazerem indagar em um determinado momento sobre quem é o animal e quem é o homem, ou será que somos tão animais quanto?

O indivíduo nasce com atributos inerentes a sua natureza, isso quer dizer até mesmo animais, e a despeito de todos os costumes e valores, muitas vezes não é possível ocultar nossa natureza, continuamos sendo animais. É em situações extremas que essa característica irá transparecer.

## Abjeto

Segundo o dicionário, a palavra abjeto tem os seguintes sinônimos: **a. 1.** Que é desprezível, baixo, vil, ou que revela baixaza, torpeza etc. (pessoa abjeta; atitude abjeta) **sm. 2.** Indivíduo desprezível, ignóbil, baixo, vil.

O termo abjeção, do latim *abjicere*, significa literalmente abandonar, afastar, rebaixar, rejeitar, o que corresponde de certa forma com o sentido psicanalítico da rejeição como forma de exclusão de significados pela recusa em crer, ou melhor, pela postura de não querer saber (BUTLER, 2015). Para a filósofa, o abjeto ou abjeção indica:

Aqueles zonas “inóspitas” e inabitáveis da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação contra a qual - e em virtude do qual - o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida. (BUTLER, 2015, p. 155)

Podemos usar como exemplo dessas vidas que são passíveis de serem vistas/reconhecidas como vivíveis os detentos do romance “*Assim na terra como debaixo da terra*”, que são retirados da sociedade definitivamente e trancafiados em uma penitenciária que, como já dissemos, fica localizada num local isolado e remoto, vivendo em condições subumanas. Butler considera que há determinadas existências que são reconhecidas, ou seja, são classificadas como vidas de valor e outras não; é o caso dos detentos que não desfrutam do *status* de sujeitos, mas de corpos abjetos, que se posicionam justamente nas zonas inóspitas e inabitáveis da vida social, segundo Judith Butler (2015).

Um trecho do livro assemelha o confinamento dos homens a um curral de animais, onde “o gado é abatido para se transformar em alimento”, mas “os homens são abatidos para deixarem de existir”, ou seja, esses corpos abjetos são vidas consideradas indignas, vidas matáveis, que não necessitam nem mesmo de um nome e também não precisam existir.

No Brasil, corpos pobres, corpos pretos estão na categoria de que não deveriam existir, pois são vidas que não são consideradas vidas já que esses corpos são

compreendidos como não importantes. Esses corpos abjetos também exercem funções abjetas através de subempregos.

O sociólogo Jesse de Souza (2019, p. 22) afirma que “as classes superiores são as do espírito, do conhecimento valorizado, enquanto as classes trabalhadoras são do corpo, do trabalho braçal e muscular que se aproxima dos animais”, como o caso do personagem removedor de animais mortos em estradas. Saindo do campo ficcional, frequentemente nos deparamos com essas vidas invisíveis desempenhando essas tarefas, como os ascensoristas de elevador, zeladores, garis, faxineiros, coveiros, entre tantas outras profissões. Em sua grande maioria vemos os corpos pretos, os corpos pobres exercendo tais trabalhos.

Julia Kristeva (1982, p. 4) fala a esse respeito: “Não é, pois, a ausência de limpeza ou de saúde que torna abjeto, mas aquilo que perturba uma identidade, um sistema, uma ordem. Aquilo que não respeita os limites, os lugares, as regras”. Portanto, podemos afirmar que esses corpos abjetos ocupam a ordem do inóspito e do inevitável, em contrapartida os corpos que causam interesse em sua existência material acabam por preencher os espaços legítimos dentro de um enquadramento, ou seja, os lugares que realmente importam.

Dessa forma, dizemos que a matéria abjeta diz respeito a corpos desqualificados, corpos vulneráveis do ponto de vista dos códigos, das normas e disciplinas e das relações de poder que norteiam um grupo em sua organização e apresentação na vida social. Essa desqualificação dos corpos é justamente aquilo que representa o limite e o oposto dos corpos qualificados, que gozam intuitivamente da posição de cidadãos com direito à vida, a uma existência significativa.

O deslocamento desses corpos, é primordial para a organização simbólica dos sujeitos e daqueles que vivem em um ambiente adverso, inabitável, e claro isso traz fortes implicações políticas. Nesse sentido, Butler (2015, p. 150) faz a seguinte observação: “A abjeção de certos tipos de corpos, sua inaceitabilidade por códigos de inteligibilidade, manifesta-se em políticas e na política, e viver com um tal corpo no mundo é viver nas regiões sombrias da ontologia”. A teórica refere-se, portanto, às questões de como o sujeito irá se comportar em meio às adaptações e conflitos de normas, de princípios e obstáculos aos métodos/processos que regulam os corpos na ordem social.

A abjeção, portanto, está relacionada a um aspecto característico de invisibilidade, que não se limita exclusivamente à exclusão, pois, como já percebemos,

corpos abjetos “se fazem ver”. Diz respeito, principalmente, ao não reconhecimento do outro sujeito, bem como ao desconforto e mesmo ao repúdio gerados por essa corporalidade, tanto pela relação que tais corpos e sujeitos estabelecem com o outro, quanto pela relação que mantém consigo mesmo. São corporeidades à parte, que incomodam, a si e aos outros, mas que não passam despercebidas.

Do ponto de vista político, ainda segundo Butler (2015), “parte do problema da vida política contemporânea é que nem todo mundo conta como sujeito” algo que está implícito sobre a questão da problemática do sofrimento. Entendemos que a ideia do abjeto se relaciona à vida precária que não é considerada como digna de se viver, isto é, não é considerada legítima, muito menos importante. Há uma cena em “*Assim na terra como embaixo da terra*” que ilustra muito bem essa questão de vida indigna. Um dos personagens que é agente penitenciário reflete sobre os anos em que exerce essa função:

Há dez anos trabalha como agente penitenciário, desde então engordou, atira sob ordens e obedece a todas as coordenadas de seu chefe. (...). Não se sente muito diferente dos presos que vigia. Grande parte da última década passou ali dentro. Vai muito pouco em casa, em folgas raras. Vez ou outra tem notícias da família e mensalmente envia dinheiro.

Foi adestrado para obedecer. Ainda que não concorde com algum método ou procedimento, deve apenas fazer o que lhe mandam. Tornou-se indiferente, tanto aos outros quanto a si mesmo. Não tem nenhum credo, ideologia ou postura política. Carrega uma arma, e, quando precisa usá-la, a usa. (MAIA, 2017, pp. 24-25)

Em “*É isto um homem?*” Primo Levi afirma: “Somos apenas uns animais cansados”. É exatamente isso que são esses homens dos três romances: animais. Há um processo alegórico nos livros de Maia onde tudo é alegoria. Animal é metáfora de homem e vice-versa. Eis algumas cenas dessas vidas dispensáveis, desses corpos abjetos. “Caçar homens é um pouco mais metucioso do que caçar animais selvagens...”; “Sente-se um jumento, uma besta de carga.”; “Melquiades abatia os homens como quem abate o gado.”; “... começou a caçar os presos como se fossem animais.”; “Um terror maior o aguarda: ser abatido como um javali.”; “Bronco Gil passou a enterrar cães e homens da mesma forma: importando-se muito pouco.” (MAIA, 2017, pp. 58, 65, 70, 73, 76, 95).

Outras cenas aparecem em “*Enterre seus mortos*”: “Tomás tira o óleo do bolso e unge o animal (...) e faz reza que oferece gratuitamente a homens e animais em agonia pelas estrada.”; “... aquela mulher valia tanto quanto um abutre e tinha o direito de ser

recolhida como o resto dos animais mortos.”; “Se ela fosse um animal, seria bem mais fácil.”; (MAIA, 2018, pp. 19, 48, 58). A narrativa sobre animais continua em “*De gados e homens*”: “Ambos os confinamentos, de gado e de homens, estão lado a lado, e o cheiro, por vezes, os assemelham.”; “Em lugares onde o sangue se mistura ao solo e à água é difícil fazer qualquer tipo de distinção entre o homem e o animal.”; “... Bronco Gil ainda cultivava algum sentimento, (...) pelos seus semelhantes, mesmo que na maior parte do tempo sintasse-se assemelhado às bestas.” (MAIA, 2013, pp. 20, 68, 108).

Esse estado de precariedade é algo politicamente induzido, como denomina Butler (2015), pois é negada às necessidades de sobrevivência e de uma existência simbólica, já que a imposição política arrasta esses corpos abjetos para uma condição social precária. O Estado é indiferente a essas vidas invisíveis, eis o que Butler nos fala:

A condição precária também caracteriza a condição politicamente induzida de maximização da precariedade para populações expostas à violência arbitrária do Estado que com frequência não têm opção a não ser recorrer ao próprio Estado contra o qual precisam de proteção. Em outras palavras, elas recorrem ao Estado em busca de proteção, mas o Estado é precisamente aquilo do que elas precisam ser protegidas. (BUTLER, 2015, p. 47)

Essas vidas indignas em condições precárias ficam mais expostas do que quaisquer outras vidas, vemos isso através das cenas selecionadas quando notamos que é a ralé – termo utilizado por Jessé Souza, que se encarrega do abjeto, do desprezível, são personagens que possuem subempregos, quem na sociedade executa o trabalho com a própria barbárie. Lidam com questões abjetas e são vistos como seres abjetos.

## **Paisagem não oficial**

Entendemos que as seleções das cenas (paisagens) dos três livros de Ana Paula Maia nos remetem ao dia a dia de pessoas que lidam com profissões incomuns no universo literário e que, por trabalharem com aspectos mais sujos da sociedade, como o lixo, o esgoto e as vísceras de porcos, gados e corpos humanos, são inviabilizados por aqueles que dependem destes trabalhadores, mas desviam seu olhar quando os encontram.

Em que pese o estado inicial deste trabalho – porque sempre há muito que pesquisar em se tratando da relação dos romances com a ideia de uma paisagem que surge como abjeta – minha hipótese é a de que nesses três romances de Ana Paula Maia constroem uma certa paisagem histórica do Brasil não oficial, ou seja, os personagens principais, sujeitos que fazem parte de uma camada inferior e subalterna da sociedade, confirmam a brutalidade da formação histórica brasileira; processo bárbaro, excludente, anticivilizatório, revelando que sua instituição fundadora – a escravidão. Esse nosso passado que efetivamente não passou – criou paisagens como a subalternidade, a falta de saída para os pobres e negros e sobretudo a naturalização da desumanidade.

Nos chama a atenção o fato de não haver descrição física dos personagens, nos três romances, sem exceção. Não se fala sobre a aparência de nenhum deles, no entanto, não é difícil imaginar corpos pretos, corpos pobres executando o trabalho de removedor, de atordoador ou de presidiários. São corpos marginalizados.

Poderíamos dizer que nas paisagens acima transcritas vemos (e somos vistos) por uma espécie de ralé, o conceito provocativo de “ralé brasileira” é do sociólogo Jessé Souza, como já dissemos, numa tentativa de compreender a formação histórica do Brasil e de como a escravidão determinou a origem dessa classe social, Souza diz:

(...) como brasileiro, sempre percebi, ainda que no começo apenas intuitivamente, que a produção social e política de uma numerosa raça/classe condenada a barbárie, abaixo, precisamente, da classe trabalhadora é a grande singularidade de sociedades periféricas como a do Brasil. Não é, portanto, nenhuma “maldição cultural” supostamente herdada o motivo e a causa dos nossos problemas, mas sim a produção e a reprodução de pessoas intencionalmente deixadas à margem da sociedade” (SOUZA, 2009, p. 43).

Este é o Brasil que, devido à colonização com bases escravistas representado por uma economia agrária direcionada aos interesses externos. O sociólogo em “*A elite do*

*atraso*” apresenta o escravismo justamente como um sistema que construiu a sociabilidade brasileira, segundo Souza (2019, p. 42):

No Brasil, desde o ano zero, a instituição que englobava todas as outras era a escravidão, que não existia em Portugal, a não ser de modo muito típico e passageiro. Nossa forma de família, de economia, de política e de justiça foi toda baseada na escravidão. Mas nossa auto interpretação dominante nos vê como continuidade perfeita de uma sociedade que jamais conheceu a escravidão, a não ser de modo muito datado e localizado. É como tornar secundário e invisível o que é principal e construir uma fantasia que servirá maravilhosamente não para conhecer o país e seus conflitos reais, mas sim para reproduzir todo tipo de privilégio escravista, ainda que sob condições modernas. (SOUZA, 2019, p. 42)

O uso da mão de obra escrava foi através dos moldes coloniais, portanto esses corpos pretos, corpos pobres personificavam “vidas sem valor”.

Para essa gente, os que sobraram e foram postos para fora do mundo “civilizado” e, por isso, condenados à invisibilidade, resta à barbárie e as novas formas de escravidão moderna, o subemprego, o silêncio, enfim, a condenação social e histórica que os faz permanecer no limbo e, portanto, na condição não humana, abaixo dos animais, abjeta. Há uma linha divisória entre o “humano” do “sub-humano”, dos marginalizados e condenados à exclusão, mas todos são vistos como corpos abjetos.

Em suas narrativas o estilo seco e agudo de Ana Paula Maia amplifica a ideia de paisagem, ao colocar no centro de nosso campo de visão, outros sensíveis – a vida humana em sua forma excluída de humanidade. Vejam-se, por exemplo, os meios de sobrevivência dos personagens, as situações em que vivem e a função crítica dos títulos de cada romance: *“De gados e de homens”*, *“Assim na terra como embaixo da terra”*, *“Enterre seus mortos”*.

Neles, a paisagem “morte” associada à imagem da terra – e embaixo dela – assim como dos animais parece dizer que a vida dos que foram alijados dos direitos mais fundamentais reclamam uma existência.

Os resultados obtidos em função do plano de trabalho proposto não é algo conclusivo, pois há outras interpretações. A leitura que fizemos, portanto é de que nos três romances todos os personagens são “ralé”, segundo conceito de Jessé Souza, e entendemos as cenas como paisagem histórica do Brasil não oficial, já que obras tematizam e têm personagens que confirmam a brutalidade do processo de formação bárbaro no Brasil, através dos subempregos (removedor de corpos de animais,

atordoador, presidiários). Deduzimos que a elite é que produz a barbárie e deixa para os pobres, para os que sobraram a manutenção dessa mesma barbárie, como se lê nas cenas, ficando para a “ralé” a lida com o abjeto, o desprezível, o baixo, o ignóbil.

Se, como afirma Michel Collot (2013), a paisagem é “uma construção do olho de quem vê”; se e, como sustenta Didi-Huberman (2010), o sujeito que olha é também olhado; expõe-se e ao mesmo tempo está exposto ao que vê, as paisagens construídas nesses três romances de Ana Paula Maia encenam e nos devolvem o que insistimos em não ver, isto é, o abjeto na formação histórica brasileira e suas consequências traumáticas para os invisíveis e sem voz.



## **Conclusão**

A conclusão a que chegamos é a de que, com a leitura das cenas extraídas dos três romances percebe-se que Ana Paula Maia constrói sua narrativa compondo paisagens abjetas, uma certa paisagem histórica do Brasil não oficial, ou seja, os personagens principais, sujeitos que fazem parte de uma camada inferior e subalterna da sociedade, confirmam a brutalidade da formação histórica brasileira; processo bárbaro, excludente, anticivilizatório, revelando que sua instituição fundadora – a escravidão, este nosso passado que efetivamente não passou e criou paisagens como a subalternidade, a falta de saída para os pobres e negros e sobretudo a naturalização da desumanidade.

### Referências Bibliográficas:

AULETTE, Caldas. *Novíssimo Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Org. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BUTLER, Judith. *Quadro de guerra: quando a vida é passível de luto?* 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Tradução de Ida Alves. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

COLLOT, Michel. *O que nós vemos, o que nos olha*. Revista de História da Arte n° 10-2012.

COLLOT, Michel. *O sujeito lírico fora de si*. Traduções de Zênia de Faria e Patrícia Souza Silva Cesaro. *Signótica*, v. 25, n.1, p. 221-241, jan/jun. 2013.

DESCOLA, Philippe. *Outras naturezas, outras culturas*. Tradução de Cecília Ciscato. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Loja*. In. *Cascas*. Tradução de André Telles. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2017.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MAIA, Ana Paula. *Assim na terra como debaixo da terra*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

MAIA, Ana Paula. *De gados e homens*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MAIA, Ana Paula. *Enterre seus mortos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, Jessé. *A escravidão é nosso berço*. In. *A elite do atraso*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SOUZA, Jessé. *Quem é e como vivem*. In. *A ralé brasileira*. In. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

[https://www.academia.edu/18298036/Poderes do Horror de Julia Kristeva Cap%C3%A9ADtulo\\_1](https://www.academia.edu/18298036/Poderes_do_Horror_de_Julia_Kristeva_Cap%C3%A9ADtulo_1) Acesso em 20/03/2023 às 16h28